

São Cristóvão-SE/Brasil  
21 a 23 de setembro de 2011

# V Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



ISSN 1982-3657

## PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DE ARACAJU: UM DESAFIO A GEOGRAFIA E A SUSTENTABILIDADE

Sandra Andréa Silva Souza<sup>1</sup>

### PESQUISA FORA DO CONTEXTO EDUCACIONAL

#### Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o processo de urbanização na cidade de Aracaju. Entre os anos de 1900 a 1930, Aracaju passou por um grande crescimento demográfico, associado a uma série de benefícios urbanísticos, tais como infra-estrutura, saneamento básico e transporte. O intenso crescimento populacional provoca transformações no meio natural, alterando as dinâmicas ambientais. Aracaju encontra-se, atualmente, em crescente verticalização dos bairros nobres, com o surgimento de novas áreas disponibilizadas às classes médias, bem como o aumento das áreas periféricas. Diante das construções e infra-estrutura das consideradas áreas de expansão, tornou-se desafiador o processo de sustentabilidade, provocado pela ocupação irregular do solo urbano e que, futuramente, acarretará problemas de saneamento básico e edificações. Diante dos objetivos propostos, optou-se por uma metodologia sob forma documental e bibliográfica, referentes à expansão urbana desta cidade e suas conseqüências impactantes.

**Palavras chave:** Evolução urbana; Mudança da capital; Preservação ambiental.

#### Abstract

This article aims to analyze the process of urbanization in the city of Aracaju. Between the years 1900 to 1930, Aracaju passed by a large population growth, combined with a range of urban benefits, such as infrastructure, basic sanitation and transportation. The intense population growth causes changes in the natural environment, changing environmental dynamics. Aracaju is currently piggybacking on the growing affluent neighborhoods, with the emergence of new areas available to the middle classes as well as the increase in peripheral areas. Front of buildings and

---

<sup>1</sup> Especialista em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Tiradentes, graduada em Geografia Licenciatura pela Universidade Tiradentes e graduanda em Geografia Bacharelado pela Universidade Federal de Sergipe.

infrastructure considered to be areas of expansion, it became challenging the sustainability process, caused by illegal occupation of urban land and that in future give rise to problems of sanitation and buildings. Given the proposed objectives, we opted for a methodology in the form of documents and literature, referring to the urban sprawl of this city and its shocking consequences.

**Keywords:** Urban Development, Change of capital; Environmental Conservation.

## **Introdução**

Etimologicamente, a palavra Aracaju originou-se do Tupi, mas o significado mais aceito pelos estudiosos de língua indígena aponta a denominação Cajueiro dos Papagaios, esclarecendo ser “Ara”: papagaio e “caju”: fruto do cajueiro. A história começou em 17 de março de 1855, através da Resolução de Nº 413, quando Inácio Barbosa, então presidente da Província, efetivou a mudança da capital de São Cristovão para o povoado de Santo Antônio do Aracaju.

Sergipe Del Rei, antiga província, foi um território bastante disputado entre portugueses e franceses, pois se tratava de uma área considerada ponto estratégico, por se situar entre duas grandes capitanias, a de Pernambuco e a da Bahia e entre dois grandes rios do nordeste brasileiro, rio Real e São Francisco, além de servir como zona franca muambeira. A conquista de Sergipe foi malograda pelos índios, que não aceitaram a catequese. Então, iniciou-se uma guerra promovida por São Cristóvão de Barros, em 1859, com o intuito de expulsar os franceses e acabar com o reinado de Serigy. Após a guerra, o município de São Cristóvão, aos poucos, prosperava e, nos dias atuais, é considerado patrimônio histórico por ser a 49ª cidade mais antiga do Brasil.

Naquele momento, a mudança da capital possuía uma relevância significativa para o estado, devido a sua localização, que favorecia a vazão da produtividade econômica, proporcionada pelo margeamento dos rios e do Oceano Atlântico, além de facilitar a exportação. Desde então, o período da implantação de Aracaju tinha como estratégia um aparato administrativo intencional na construção de um porto, nos moldes de cidade portuária, e que serviria como um exemplo de progresso liberal. Planejada no plano de Pirro, esse quadrado limitava-se ao centro administrativo e não apresentava complexidade aos modernos programas de ordenação urbana.

Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar a importância do processo de urbanização de Aracaju, que hoje se encontra planejada, desenvolvida, considerada capital da qualidade de vida e com uma evolução urbana adaptada pela excelente infra-estrutura.

Compreende-se que o crescimento da cidade de Aracaju deu-se com a necessidade de aterros e drenagem para que se convertesse em lugares habitáveis. Lagoa, rios e manguezal constituíam o ambiente natural em domínios aquáticos e sua ocupação espacial ocasionava uma modificação no sítio original. Era a luta do homem contra a natureza.

Aracaju encontra-se, atualmente, evoluída e cada vez mais em crescimento, tanto em expansão física horizontal, na formação de novas periferias, como através da verticalização em bairros nobres, com o surgimento de novas áreas disponibilizadas às classes médias. Diante das construções e da infra-estrutura das consideradas expansões, tornou-se desafiador o processo de sustentabilidade, provocado pela ocupação irregular do solo urbano e que, futuramente, acarretará problemas de saneamento básico e edificações. O crescimento é econômico frente à diferenciação intra-urbana que setoriza a economia local.

A temática aqui apresentada tem por fim esclarecer à sociedade a importância do processo de urbanização da cidade de Aracaju, mediante a mudança da capital e a modificação do ambiente natural em urbano, também constituem-se valores importantes para a vida em sociedade, mostrando a estes que a cidadania é, também, o sentimento de pertencer à realidade, na relação sociedade-natureza, e possibilitar a compreensão da preservação e o respeito ao meio ambiente.

Diante dos objetivos propostos, optou-se por uma metodologia sob forma documental e bibliográfica, considerada ser a mais apropriada à realização deste estudo. Para tanto, realizou-se uma revisão teórica em artigos, livros, textos complementares e livros sobre a complexidade do assunto em questão. Buscou-se, também, documentos que corroborassem com a pesquisa nos acervos sergipanos, como: Museu do Homem Sergipano e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IGHS), entre eles a Resolução N° 413, que versa sobre a mudança da capital, palco das modificações que surgiam.

O trabalho estruturou-se em duas partes. Na primeira, apresenta o espaço urbano em formação, a paisagem urbana de Aracaju, atribuída aos fenômenos geográficos e o

desenvolvimento urbano em meio aos mitos da sustentabilidade ambiental, às nuances que constituíram o cenário sergipano.

A segunda parte explanou as análises dos problemas e resultados encontrados no estudo. E, por fim, as conclusões obtidas, que esclareceram, claramente, o objeto em questão.

## **1. Formação do espaço urbano de Aracaju**

O espaço urbano representa um território onde às relações humanas e econômicas são desenvolvidas, mas que ao longo do tempo vem sendo valorizado pela sociedade. Sabe-se também que, o mesmo é produto e condição de trabalho humano, embora a divisão técnica e social do trabalho promova relações e conflitos entre as pessoas no cotidiano.

É importante enfatizar que as sociedades na atualidade apresentam um panorama direcionado ao processo de urbanização. Todavia, apesar dos avanços tecnológicos e científicos existem desigualdades socioeconômicas que aumentam cada vez mais os espaços urbanos.

Assim, nesta pesquisa iremos aprofundar o estudo sobre urbanização. Entretanto, dividimos o presente capítulo em duas partes. Na primeira parte relataremos sobre o processo de formação e transformação das cidades desde a Antiguidade até civilização contemporânea.

Na segunda parte, abordaremos o desenvolvimento urbano em meio aos mitos da sustentabilidade ambiental de Aracaju. Para isso, analisaremos o expressivo desenvolvimento urbano que se expandiu na cidade, esclarecendo como o setor imobiliário fez uso indevido do solo e do processo de favelação em áreas periféricas, a partir das desigualdades sociais que se alastram e afetam o meio ambiente.

### **1.1 O processo de formação e transformação da cidade**

A civilização contemporânea é intensamente marcada pelo espaço urbano sem negar a existência da história das cidades. Aprender e entender o espaço urbano hoje e quais formas dão complexidade a sua organização exige uma retrospectiva das suas origens.

[...] entendemos que o espaço é história e, nesta perspectiva, a cidade de hoje é o resultado cumulativo de outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim, produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos engendradas pelas relações que promovem essas transformações (SPOSITO, 2005, p. 11).

Ao longo dos séculos, o processo de formação e transformação das cidades se deu de forma lenta. Sua ocorrência parte do fim da Pré-História, época em que o homem era nômade, dependia da natureza para sobreviver, vivia da caça, da pesca, coleta de alimento, além de fabricar instrumentos de pedra lascada e ossos. No Neolítico, houve o surgimento da agricultura, pois o homem desenvolveu técnicas como selecionar sementes, arar, semear e irrigar a terra. Essas técnicas possibilitavam a colheita de um excedente agrícola, assim, permitindo o processo de “sedentralização”. A atividade agrícola fez com que surgissem os primeiros aldeamentos fixos, o que proporcionava melhores condições à população, quando comparada a vida nômade. Ela também foi propícia para a fecundidade, nutrição e melhor segurança e proteção dos grupos humanos.

A aldeia possuía muitas características que marcaram as cidades, como o aglomerado de pessoas e o número de casas, mas a estrutura social não é complexa e praticamente não existia a divisão social do trabalho, o que fez com que a aldeia precedesse à existência da cidade. Nessa perspectiva, a produção do excedente alimentar é uma condição necessária, embora não seja a única, para que ocorra à divisão do trabalho e, enfim, possibilite a origem das cidades. A divisão do trabalho delineou-se pela incompatibilidade de se ter numa mesma área a atividade agrícola, assim como a criação de animais e local para habitação. A aldeia passa a ter função de armazenamento de alimento. Nela, também, o homem dormia, praticava cerimônias religiosas e outras.

Na idade dos metais, no vale dos grandes rios Nilo, Tigre, Eufrates, Indo e Ganges, o homem desenvolveu técnicas como irrigação e passou a utilizar a tração animal, a fim de obter um maior excedente agrícola. Com o passar do tempo, o comércio desenvolveu-se bastante nessa região e as antigas aldeias desenvolveram-se e deram origem às cidades. É importante ressaltar que as atividades econômicas, políticas e religiosas tornam-se mais complexas nas cidades, possibilitando o surgimento das primeiras classes sociais. Por volta de 3.000 a.C., aparece a escrita, que determina o fim da Pré-História e o começo da História.

As primeiras cidades do período histórico foram construídas aproximadamente em 3.500 a.C. na Mesopotâmia, no vale dos rios Tigres e Eufrates e, posteriormente, no vale do rio Nilo, em 3.100 a.C., no Egito. Por volta de 500 a.C, surgiram, no continente americano, cidades que chegaram a apresentar uma divisão de trabalho, o que se traduziu na constituição de uma estrutura de classes, criando condições para a origem do urbano.

Com o passar do tempo, as povoações desenvolviam-se cada vez mais e algumas das cidades da antiguidade cresciam, dominando povos vizinhos. O Império Romano, sem dúvida, constituiu o principal exemplo de expansão e desenvolvimento das cidades. Os seus domínios passaram a se estender até a Europa Ocidental, além de contar com uma ampla economia urbana e com uma grande interligação com as sociedades vizinhas, através de portos, canais e estradas, favorecendo a intensa circulação de mercadorias.

Por volta do século V d.C., ocorre o declínio do Império Romano e o surgimento do modo de produção feudal, início da idade média. O feudalismo era um sistema produtivo que visava à auto-suficiência. Os feudos produziam, praticamente, todos os alimentos de que necessitavam, por intermédio da agricultura e da criação de animais. Com isso, a atividade comercial reduziu, significativamente, e a cidade perdeu sua importância econômica.

A partir do século XI, ocorre o restabelecimento do comércio com o oriente. Com isso eclodiu o renascimento das cidades. A população, antes constituída por servos, começou a libertar-se dos senhores feudais e ir para as cidades, pois era nelas que eles ganhavam a liberdade que não tinham. Conseqüentemente, passou a existir um crescimento populacional, seguido do crescimento econômico em busca do desenvolvimento comercial e da cidade. Os comerciantes que nesse momento eram chamados de mercadores viviam no burgo e eram conhecidos como burgueses. Estes, através do comércio e da circulação da moeda na cidade, conseguiram obter seus lucros, dando, assim, início ao capitalismo comercial.

A Revolução Industrial na Inglaterra, no século XVIII, ocorreu devido, também, a sua estrutura financeira acumulada na corrida pelos metais preciosos e pela centralização de poder no mundo. Por outro lado, sua capital Londres não suportou tamanha mão de obra oriunda, principalmente, do campo, por não estar preparada para receber tamanha demanda de trabalhadores, pois suas condições sanitárias eram precárias, principalmente, em meados de 1830. O rápido crescimento dos problemas urbanos, ocorridos pela industrialização na Inglaterra e em

países que estavam pelo processo de industrialização, fez com que os governos desses países buscassem solucionar esses problemas, que, primeiramente, foram amenizados nos lugares da burguesia e, só depois, das outras localidades.

Na idade contemporânea, principalmente no século XX, ocorre ainda mais o crescimento das cidades. Apesar de o processo de urbanização iniciar-se com a industrialização, ele ganhou sua maior expressão depois da Segunda Guerra Mundial. Tal processo passa por quatro tendências básicas e se destaca com a expansão e com o desenvolvimento das cidades nos países desenvolvidos com a industrialização recente. Segundo Olívia & Giansante *apud* Rodrigues (2008, p. 31), essas quatro tendências são: aceleração acentuada no ritmo de crescimento das cidades; distribuição do fenômeno urbano por todos os continentes; desenvolvimento das metrópoles modernas e expansão da urbanização para além dos limites territoriais da cidade.

Nos países desenvolvidos, a urbanização está, basicamente, ligada ao processo de industrialização e às transformações provocadas na cidade pela indústria. Tais mudanças também ocasionaram uma modernização do campo, a Revolução Agrícola, possibilitando a transferência da população do espaço rural para a cidade.

Diferente dos países desenvolvidos, os subdesenvolvidos apresentam uma urbanização rápida e desordenada; as cidades, por sua vez, um crescimento expressivo por conta da industrialização e dos problemas enfrentados pela população rural, o que levou ao aumento da procura pelo espaço urbano. É importante ressaltar que a industrialização tardia desses países adotou um padrão tecnológico moderno, transferindo as filiais das transnacionais dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos, resultando na criação de menos empregos e requerendo uma melhor qualificação profissional do trabalhador. Assim, muitas pessoas deslocaram-se para as cidades, não encontraram trabalho em vista das exigências da indústria, e passaram a viver em situação de extrema pobreza, em favelas e cortiços.

No Brasil, o processo de urbanização apresenta característica do padrão de urbanização dos países subdesenvolvidos. Ela ocorreu em nível acelerado, sem planejamento, apresentando um padrão periférico de crescimento em que a população de baixa renda é empurrada para as áreas distantes do centro. O processo de urbanização brasileira ocorreu, inicialmente, em áreas isoladas, como ilhas e a cidade de Salvador comandou a primeira rede urbana no Brasil. A partir do século XIX, o fenômeno de urbanização cresce liderado por São Paulo, no comando da

produção de café, iniciando a formação de rede de cidades envolvidas com os estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Entretanto, somente no século XX, com o desenvolvimento dos meios de transporte e da comunicação há uma integração do território nacional e entre as cidades.

Com a consolidação da industrialização, na década de 50 e 60, ocorreu uma modernização de toda a economia. Essa modernização atingiu também as atividades agrícolas, provocando o êxodo rural, tanto no sentido do campo para a cidade, nos estados ou regiões de economia agrária para o sudeste industrializado. Assim, “o Brasil tornou-se um país urbano, com mais de 50% de sua população passou a residir nas cidades. E a partir da década de 50, o processo de urbanização torna-se mais rápido” (ALMEIDA; RIGOLIN *apud* RODRIGUES, 2008, p. 66).

A partir dos anos 90, o processo de urbanização passa a apresentar novas tendências, com a diminuição da intensidade do êxodo rural, a alteração do ritmo do crescimento das cidades e o aumento do fluxo de pessoas entre a cidade e campo, pois muitos trabalhadores rurais passaram a viver na cidade e utilizavam o campo para o lazer (LUCCI et al. *apud* RODRIGUES, 2008, p.65). O processo de urbanização brasileira resultou num conjunto de problemas urbanos, destacados no aumento do número de favelas e cortiços, falta ou precária infra-estrutura e problemas ambientais.

Aracaju era um povoado formado por um arruado de casebres no alto da colina de Santo Antônio. O projeto da nova cidade foi elaborado pelo engenheiro Basílio Pirro e contrapôs-se a irregularidades (condições topográficas naturais). No dia 17 de Março de 1855, a lei sancionada transferia da cidade de São Cristóvão para Aracaju a capital dessa província. A estrutura da cidade foi dentro de um modelo de tabuleiro de xadrez, sendo suas ruas simétricas e no sentido dos quatros pontos cardeais. Entre os anos de 1900 a 1930, Aracaju passou por um grande crescimento demográfico, associado a uma série de beneficiamentos urbanísticos, tais como infra-estrutura, saneamento básico e transporte. Estes serviram ao bairro Industrial, Santo Antônio e Siqueira Campos (Aribé). Seu surgimento deu-se pelo êxodo rural, que propiciou o primeiro fenômeno geográfico de diferenciação social.

Neste sentido, as terras de maior valor comercial faziam fronteira com o rio Sergipe, atualmente denominada de Ivo do Prado e em termos de ocupação residencial a Rua de Itabaiana tornou-se o logradouro preferido da classe dominante. Assim, a diversificação da produção



econômica ocupou o centro e provocou o crescimento do comércio, serviços e transportes urbanos.

A estrutura urbana foi-se formando sob forte controle urbanístico. Inicialmente, seu crescimento deu-se em direção ao eixo de ligação terrestre com a antiga capital, mas a estrutura urbana permaneceu rígida. Às margens do Rio Sergipe, nas proximidades da Av. Ivo do Prado, concentraram-se as casas das classes mais abastadas; mais ao norte, os armazéns, o porto e o mercado e, ao sul, sobre os terrenos entremeados de alagadiços, as classes mais pobres.

A ocupação das áreas centrais foi concluída até a década de 50. Os bairros residenciais foram delimitados e ampliados, conforme regras arquitetônicas. As famílias com maior poder aquisitivo ficaram no perímetro sul, na área planejada, onde, aos poucos, foi sendo aterrado. A cidade, na década de 60, passou por grandes transformações, que vinham se firmando desde o início do século. No ano de 1965, aumentou o número de licenças para a construção de edifícios, marcando mais uma intensa ocupação vertical.

Na década de 70, encontrava-se estabilizada como cidade de porte médio sem problemas de infra-estrutura, nem de segurança, boa densidade demográfica, belas praias e um povo hospitaleiro. Já a partir da década de 80, ampliam-se as redes de relação econômicas e sociais que envolvem interesses regionais, nacionais e internacionais. Há o surgimento de *shoppings*, hipermercados, agência bancaria e estabelecimentos comerciais nos diversos bairros. Sua construção foi acompanhada por grandes mudanças e alterações na natureza, ocorridas desde a sua formação até os dias de hoje. No entanto, a capital vem-se expandindo, de forma imobiliária perceptível, especialmente na sua geografia.

## **1.2 O desenvolvimento urbano em meio aos mitos da sustentabilidade ambiental**

A paisagem urbana, enquanto forma de manifestação do urbano, revela uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além das aparências. Essa paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial e do modo pelo qual foi produzido:

A paisagem urbana é a expressão da “ordem” do “caos”, manifestação formal do processo de produção do espaço urbano colocando-se no nível do aparente e do imediato. Todavia, é no nível das formas que ocorrem à mistificação e a coisificação, na medida em que as relações sociais tendem a aparecer como

relações entre coisas. O mundo fenomênico das formas, das apresentações do dia-dia é onde as coisas aparecem de maneira independente, onde ocorrem as manipulações, pois além de a essência não se revelar imediatamente, pode se manifestar em algo que é seu contrário (CARLOS, 2004, p. 36).

Diante da paisagem, podem-se observar os diversos modos de apropriação dos espaços que vão pressupor a diferenciação do uso do solo, as desigualdades dos ricos e pobres, a segregação espacial, que se reflete no acesso a determinados serviços, a infra-estrutura e meios de consumo, frutos de uma distribuição de renda estabelecida no processo de produção.

O uso do solo está vinculado ao processo de produção capitalista, determinado pelo modo de ocupação de determinado lugar na cidade. O ser humano necessita para sobreviver ocupar um lugar no espaço, mas esse ato não é apenas “ocupar” no sentido restrito da palavra e sim, envolver o produzir do lugar. Por outro lado, necessita-se analisar o uso do solo, vinculado à teoria do valor, pois para produzir e habitar é necessário pagar determinado preço ao espaço:

[...] a discussão do valor do espaço nos remete a idéia do espaço-mercadoria e a forma através do qual o espaço apropriado aparecerá como propriedades de alguém, onde o caráter geral das relações espaciais de produção e o monopólio de certas pessoas que este pressuposto na propriedade e que dá a ela o direito de dispor de determinadas parcelas do espaço geográfico, excluído os demais membros da sociedade e determinando como tal parcela será utilizada e qual a classe social que irá desfrutá-la. Isso se expressa na segregação espacial fruto da diferenciação de classes (CARLOS, 2004, p. 47).

Analisar a cidade de Aracaju, diante do seu crescimento acelerado, em todas as direções, tanto em expansão físico-horizontal na formação de novas periferias, através da verticalização em bairros nobres e nas áreas de expansão disponibilizada para a classe média e classe média alta, diante das construções e infra-estrutura, torna-se um processo desafiador dentro da visão sustentável. A constante especulação imobiliária e a própria política habitacional contribui para a ampliação dos contraditórios fluxos e refluxos intra-urbanos. Contudo, obriga as famílias a adotarem como recursos de acessos à moradia a ocupação irregular do solo urbano, geralmente em áreas de proteção ambiental gerando problemas futuros de saneamento básico e infra-estrutura.

Dessa forma, o mercado imobiliário controla o valor da terra e a questão da moradia fica submetida à capacidade financeira dos cidadãos. Esses indivíduos, com o seu trabalho, produzem

o espaço urbano e, através da divisão técnica e social do trabalho, produzem as relações sociais na vida cotidiana, estimulando a produção desigual do espaço, com bairros ricos e pobres.

A valorização do espaço urbano capitalista contribui para o aumento da segregação espacial ou ocupação diferenciada dos espaços urbanos, à medida que surgem bairros ou áreas exclusivas para classes sociais com maior rendimento financeiro e para aquelas com menor rendimento financeiro. Desde então, amplia-se o desequilíbrio ambiental urbano, entrelaçado a outros fatores que contribui para as desigualdades sociais que vão muito além da pobreza e de sua segregação no espaço e ao conforto urbano.

Diante do expressivo desenvolvimento urbano que se expande na cidade de Aracaju, o setor imobiliário faz uso indevido do solo e do processo de favelação em áreas da periferia urbana, contribuindo para as desigualdades sociais que se alastram. Essas diferenças, juntamente com os muitos problemas socioambientais, ampliam o desordenamento urbano e a degradam o meio ambiente, através de construtoras que se apropriam das áreas de preservação ambiental.

## **2. Resultados e discussões**

Diante das discussões apontadas, apresentaremos qualitativamente algumas informações sobre a história de Aracaju, a fim de elucidar seu processo de urbanização. Para tanto, se fez necessário analisar referenciais teóricos e fontes, que permitiram descrever alguns aspectos evolutivos urbanísticos, levando-se em consideração o crescimento da cidade.

Antes, as formas das construções antigas apresentavam uma preocupação estética e artística e, nos dias atuais, visam à especulação imobiliária. Exemplos atuais, na cidade de Aracaju, são os bairros Jardins, 13 de julho, Santa Maria, Aruana, entre outros, com seus mangues aterrados, dando lugar a um grande centro comercial da cidade, não só para expansão de condomínios luxuosos, mas também para áreas periféricas, agredindo o meio ambiente e segregando a cidade.

Em áreas onde, nas décadas de 50, havia mangues, atualmente, encontram-se casas, palacetes, monumentos arquitetônicos, dentre outros. Para a formação de uma cidade, precisa haver centros urbanos, uma densidade demográfica específica, com relações especiais, como meio rural, e uma independência político-administrativa, tudo respeitando o meio ambiente.

Aracaju continuou a se expandir surgindo, assim, a grande Aracaju e os novos bairros.

Isso, sobretudo, ocorreu na ocupação irregular do solo, fazendo-se ampliar um desequilíbrio ambiental diante da especulação imobiliária e do processo de favelação em áreas da periferia urbana, objetivando as desigualdades sociais que vão muito além da pobreza e de sua segregação no espaço e ao conforto urbano.

### **Considerações finais**

A partir do momento em que o homem deixou de ser nômade e aprimorou a técnica, possibilitando um acúmulo do excedente alimentar, mudanças na estrutura de classes da sociedade e do trabalho, surgiu, então, a aldeia e, posteriormente, a cidade. Foi com a Revolução Industrial e com o advento do desenvolvimento do capitalismo que a urbanização acelerou.

O processo de produção capitalista determina o modo de ocupação de determinado lugar da cidade. Assim, de acordo com as condições financeiras, cada indivíduo irá ocupar um lugar no espaço diferenciado do espaço urbano. Daí é possível a confirmação de que a cidade é um mosaico, composta por partes heterogêneas e inter-relacionadas, reflexos das condições socioeconômicas e espaciais.

Mediante o pressuposto histórico do processo de urbanização de Aracaju, foi possível analisar que houve grandes transformações em todo o sistema de sua formação. As dificuldades foram grandes, mas o sonho ousado de Inácio Barbosa, um homem visionário à frente da sua época, tornou-se realidade com a fundação desta cidade.

A cidade encontra-se em expansão cada vez mais desordenada, apresentando inúmeros problemas socioambientais, caracterizados pelo desordenamento urbano e pela degradação do meio ambiente, proveniente das apropriações que as construtoras fazem das áreas de preservação ambiental, destruindo os manguezais e poluindo rios e seus efluentes. A construção irregular e descontínua, apressadamente, gera cicatrizes em Aracaju, fato que compromete a fisiologia da paisagem, transformando-a em uma geografia perversa, socialmente injusta e ecologicamente danosa, materializada na desordem e no adensamento desigual que, muitas vezes, confunde-se com uma qualidade de vida ao invés de uma qualidade socioambiental.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Manoel Correia de. **Geografia Econômica**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ARAÚJO, Hélio Mário de. **O ambiente urbano**: Visões Geográficas de Aracaju. [ET AL]- São Cristóvão: Departamento de Geografia da UFS, 2006.

BÉNEVELO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

CABRAL, Mário. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina LTDA 1995.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (RE) produção do espaço urbano**. São Paulo: Huritec, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A Cidade**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Jurandyr Pires. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Direção gráfica Adolpho Frejat. Dez/1959.

FORTES, Bonifacio. **Evolução da Paisagem Humana da Cidade de Aracaju**. Aracaju: Liv. Regina LTDA, 1945.

FRANÇA, Vera Lucia Alves. **Aracaju**: Estado e Metropolização. São Cristóvão: Ed. UFS-Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

RODRIGUES, Auro de Jesus. **Geografia Urbana**. Aracaju: Unit, 2008.

## Documentos

- Resolução nº. 413 de 17 de março de 1855.